



<https://doi.org/10.51880/ho.v28i1.1493>



A pesca com o búzio: saberes e fazeres que revelam um patrimônio cultural em Tracuateua, Amazônia Oriental

Norma Cristina Vieira*

ORCID iD 0000-0003-2618-3346

Universidade Federal do Pará, Belém, Brasil

Dilma Oliveira da Silva*

ORCID iD 0000-0003-2943-9335

Secretaria Estadual de Educação do Pará, Belém, Brasil

Maria Helena de Aviz dos Reis*

ORCID iD 0000-0001-6588-1505

Bolsista Pós-doutoral CNPq

Resumo: Objetivou-se neste estudo compreender a pesca artesanal utilizando o búzio como instrumento nos rios do município de Tracuateua, visibilizando seu funcionamento, os saberes presentes, as relações que nela estão contidas a partir do território. Tracuateua localiza-se no nordeste do estado do Pará, Amazônia Oriental. Oito pessoas que desenvolvem a pesca com búzio foram entrevistadas. Essa pesca é praticada para o autoconsumo familiar. Na pesca com o búzio, os saberes estão associados ao modo de pesca dos povos que vivem na Amazônia e mantêm suas tradições na sua forma de viver e lidar com o mundo humano e não humano. A partir das práticas territoriais, vê-se uma compreensão da apropriação

* Doutora em Biologia Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Biologia (PPBA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia (PPLSA) da UFPA, Campus de Bragança (CBRAG). E-mail: normacosta@ufpa.br

* Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), mestre em Educação pela Universidade Estadual do Pará (UEPA), graduada em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Professora na Secretaria Estadual de Educação do Pará (Seduc/PA). E-mail: dilmaanika@gmail.com.

* Doutora em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), mestra em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), graduada em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Bolsista Pós-doutoral do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: malenaviz.43@gmail.com.

do espaço, representadas pelas territorialidades expressas nas diferentes estratégias estabelecidas no movimento da pesca com o búzio, as quais desenvolvem um patrimônio cultural sustentado pelo saber-fazer compartilhado de geração em geração.

Palavras-chave: Pesca artesanal. Amazônia. Territórios. Saberes. Patrimônio Cultural.

The fishing with conch shells: knowledge and practices that reveal a cultural heritage in Tracuateua, Eastern Amazon, Brazil

Abstract: The objective of this study was to understand artisanal fishing using conch shells in the rivers of the municipality of Tracuateua, visualizing its operation, the knowledge present, and the relationships built and contained within it from the territory. Tracuateua is located northeast of the State of Pará, Eastern Amazon, Brazil. Eight people who use conch shells for fishing were interviewed. This kind of fishing is practiced for family self-consumption. In fishing with conch, knowledge is associated with the fishing activity of people who live in the Amazon and maintain their traditions in their way of living and dealing with the human and non-human world. From territorial practices, we see an understanding of the appropriation of space, represented by territorialities expressed in the different strategies established in the fishing with conch shells movement which develop a cultural heritage sustained by the know-how shared from generation to generation.

Keywords: Artisanal fishing. Eastern Amazon. Territory. Knowledge. Cultural heritage.

Introdução

A atividade de pesca artesanal em rios, em lagoas, no estuário ou na costa oceânica, desenvolvida no interior da Amazônia, faz parte das mais antigas tradições desses habitantes que mantiveram sua cultura e seus saberes na relação com os recursos naturais. Os fazeres e os saberes compartilhados por gerações sobre a pesca artesanal nesse território foram essenciais para que as práticas ancestrais, até hoje, se (re) arrumem em suas atividades rotineiras. Essas práticas se voltam para a sustentabilidade alimentar, o uso e (re)uso responsável da terra e das águas como resistência humana e do patrimônio cultural que envolve a íntima relação dos povos das Amazônias com os recursos naturais.

Neste universo da pesca artesanal, o pescador tem sua rotina de trabalho relacionada com o ciclo da natureza, assimilando conhecimentos por intermédio de um processo contínuo no seu dia a dia, o que resulta na apropriação de conhecimentos relacionados a esse processo, como o ciclo das águas, ventos, correntes, hábitos de peixes e a sazonalidade do clima (Cardoso, 2001).

Os conhecimentos provenientes da experiência dos grupos sociais com a natureza são os saberes tradicionais e ancestrais, sobre eles podemos considerar como “o modo

de vida de uma comunidade tradicional ou grupo social, construído a partir do seu relacionamento com a biodiversidade na qual está inserido” (Costa; Melo; Vieira, 2017, p. 419-420). É um conjunto de saberes a respeito do mundo natural, sobrenatural, transmitido oralmente de geração em geração (Diegues, 2000).

Cunha (2009, p. 365) alerta para o significante tradicional, que aqui diz respeito mais à “forma específica” de sua produção do que aos conteúdos, ou, ainda, que “[...] tradicionais são seus procedimentos – suas formas, e não seus referentes”. O saber tradicional faz-se necessário para o conhecimento do mundo em que homens e mulheres estão inseridos.

Nesta esteira, a pesca artesanal implica um conjunto de conhecimentos acumulados em torno do espaço das águas, construído principalmente pela experiência e pela intuição. Na tradição dos pescadores artesanais, verifica-se visivelmente uma *noção tridimensional do espaço*, o qual abrange seus distintos domínios de vida, ou seja, o mar, a terra e o céu, dotados de significados específicos (Cunha, 2003).

Esta modalidade de pesca caracteriza-se, sobremaneira, pelo uso de saberes, linguagens e tecnologias utilizadas pelo pescador e pela pescadora no manejo do ecossistema pesqueiro no qual atuam, bem como pelo trabalho familiar sem práticas de assalariamento (Furtado, 1990; Maldonado, 1993).

Para este estudo, é possível visibilizar a pesca artesanal com o búzio por meio do seu funcionamento, das técnicas, das experiências adquiridas no compartilhamento dos saberes presentes nas vivências intergeracionais, das memórias contidas e rememoradas a partir do território e de suas territorialidades socioespaciais.

São diversas as territorialidades que se superpõem na pesca com búzio em Tracuateua. Esta, enquanto território, não tem o seu significado apenas na materialidade visível e no que é mensurável, mas sim no conjunto de relações que pode manter com outros elementos no desenvolvimento dessa prática. O território, aqui, é relacional no sentido de incluir processos sociais e suas relações com o espaço (i)material, tal como a pesca configura para os seus praticantes (Almeida, 2008; Saquet, 2015).

Nesse sentido, nos interessa o território como “lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência” (Santos, 1999, p. 9), pois, para a sua produção, o território surge também pelo elo de pertencimento e de identificação, e ao seu redor se ordena e enraíza relações e práticas culturais, que se firmam, reunindo saberes e fazeres entre indivíduos com os mesmos sentimentos. Isto é, essas relações de tradições e ancestralidades, construídas no interior dos territórios, podem revelar a existência de um patrimônio cultural.

A pesquisa de caráter qualitativa foi realizada no município de Tracuateua, nordeste do estado do Pará, parte da Amazônia Oriental. Tracuateua é terra rica e abundante em práticas culturais e tradicionais. Fazem parte de seu território econômico as atividades de agricultura familiar, como plantio de milho, feijão, mandioca –

sobretudo para a produção da farinha, base da alimentação local – e as atividades de pesca artesanal de diferentes espécies de peixes, crustáceos e moluscos, realizadas em águas doces – rios, estuários – e águas marinhas.

A escolha dos interlocutores da pesquisa deu-se a partir da técnica de bola de neve (*snowball*), na qual os sujeitos da pesquisa – pescadores e pescadoras artesanais que utilizam o búzio nas pescarias em Tracuateua – indicaram outros sujeitos que também participaram da pesquisa. De acordo com Vinuto (2014), a primeira pessoa entrevistada indica outras pessoas com o mesmo perfil, essa última entrevistada, por sua vez, indica outra pessoa e, assim, chega-se aos outros informantes, seguindo essa prática de indicação pelo outro.

Entrevistas semiestruturadas foram realizadas com oito pescadoras/es artesanais adultas/os, sendo cinco mulheres e três homens. Para Minayo (2014) é uma relação “dinâmica” entre o mundo e os interlocutores, entre o mundo objetivo e a subjetividade que não pode ser traduzido em números, entretanto, pode ser problematizado qualitativamente.

A participação das/os entrevistadas/os na pesquisa foi voluntária, em suas residências. Um Termo de Consentimento Livre (TCL) foi devidamente esclarecido pelas pesquisadoras e assinado pelas/os participantes. Em alguns momentos da pesquisa, foram feitos registros fotográficos para melhor compreensão dos dados coletados. Duas entrevistas foram gravadas em celular, as demais, não tiveram permissão para gravação.

Concomitante às entrevistas, foi realizada a observação direta do processo de cada etapa de confecção e uso do apetrecho de pesca, os saberes imbuídos e seu sentido no modo de vida local. Também estão incluídas aqui as memórias das pesquisadoras que, assim como as/os demais entrevistadas/os, viveram suas infâncias e adolescências na pesca, utilizando o búzio como instrumento e mergulhando nos rios de memórias afetivas, feitas de algazaras e brincadeiras dentro das águas amareladas dos rios da Amazônia.

A pesca artesanal com o búzio praticada por crianças, homens e mulheres de diferentes idades nos rios de Tracuateua, preserva todos os processos de pesca – pré-captura, captura e pós-captura. Trata-se de uma prática para o autoconsumo familiar, cuja família é a unidade de produção. Quando as famílias estão pescando com búzio, também desenvolvem outras atividades no rio, tal como lazer e afazeres domésticos – brincadeiras, higiene pessoal, de animais, lavagem e “quaragem” de louças e roupas¹ (Brasil, 2009). Há, certamente, um viver construindo relações e (re)arranjos socioculturais e coletivos nas práticas pesqueiras artesanais na Amazônia, na qual será detalhada a seguir.

1 Quarar roupa é um processo super antigo e tradicional quando o assunto é lavar roupas. Consiste basicamente em deixar as roupas de molho ou estendida, com sabão, no sol. Assim, as manchas saem mais rápido e com menos esforço. Disponível em: <https://flaviaferrari.com.br/2021/05/como-quarar-a-roupa-aprenda-aqui.html>. Acesso em: 11 abr. 2025.

“COARÁ(R), còrar , vt — Esta forma só se refere à roupa lavada posta ao sol. Diz-se também corá(r) , mas com referência à observação das faces. — Coará apresenta evidentemente um caso de desdobramento de uma vogal aberto: corar , em boca de portugueses, soa “còrar”. É curioso, contudo, que esse aspecto só se tenha dado com uma das acepções do voc., e mais curioso ainda quando se sabe que o mesmo fato se observa no extremo Norte do Brasil. (Cherm., art. “Coradouro”)” (Amaral, 1982).

O perfil da pesca do búzio em Tracuateua: do caracol à piaba

A pesca artesanal nos rios de Tracuateua com o búzio é caracterizada, principalmente, pelo uso da carapaça do caracol (*Megalobulimus oblongus*). A carapaça do animal, chamada localmente de búzio, é um apetrecho de pescaria utilizado em Tracuateua para a captura de peixes de espécie pequena. Um búzio possui tamanho médio aproximado de 10 cm de comprimento. Suas principais características morfológicas podem ser descritas como: carapaça arredondada, cor levemente amarelada, com alguns destaques superficiais em tom alaranjado, poucos giros em sua concha, conforme pode-se visualizar na Figura 1.



Figura 1 – Carapaça do caracol, o búzio que é utilizado na pescaria.
Fonte: acervo pessoal das pesquisadoras.

Antes de realizar a pesca com búzio, as famílias de Tracuateua saem em busca da carapaça do caracol. Há todo um saber ancestral para identificar os locais na qual este animal poderá ser encontrado. Geralmente encontra-se nos roçados² ou em lugares de florestas de solo úmido, embaixo de troncos caídos, folhas em decomposição, arbustos e *húmus*. Eles são herbívoros, se alimentam de plantas e algas.

Os caracóis, na sua maioria, são encontrados vivos na natureza, alguns poucos são retirados mortos, quando assim, somente a carapaça sem o molusco. Ao encontrar o animal, vivo ou morto, o pescador leva-o para sua casa e promove um processo de

2 Terreno que se roçou para ser cultivado. Clareira no mato. [Brasil: Nordeste] Roça de mandioca. [Brasil: Ceará] Terreno plantado de culturas próprias do inverno.

higienização da carapaça. Quando o caracol é coletado vivo, seu interior é perfurado com uso de uma faca ou pedaço de madeira fino e pontiagudo. O molusco sofre furadas em partes do corpo, até a sua morte. Depois de morto, o animal é retirado totalmente da carapaça. Algumas famílias se alimentam do molusco, o cozimento geralmente é acompanhado de temperos e ervas locais.

Aproximadamente entre três (3) e quatro (4) dias o búzio fica exposto ao sol, até secar e sair de dentro da carapaça os detritos do molusco, por completo. Depois do processo de secagem e a extração natural do corpo do animal, lava-se com água e sabão deixando-o preparado para uso, como apetrecho de pescaria.



Figura 2 – Búzios limpos e prontos para serem utilizados na pesca artesanal.
Fonte: acervo pessoal das pesquisadoras.

A pesca com o búzio está associada ao lazer e ao trabalho doméstico. Isto porque, enquanto os membros das famílias aguardam o peixe entrar nos búzios, eles usufruem desse tempo para banhar-se no rio, brincar, como também desenvolver os afazeres da domesticidade. São comuns, para as mulheres e as crianças maiores, sobretudo, a lavagem de roupas, louças e o banho em animais domésticos nos rios. Costuma-se ainda, ter uma tábua de madeira nas margens dos rios para uso coletivo das atividades domésticas.

A pesca dura em média de três (3) a quatro (4) horas de uma manhã ou de uma tarde. Os peixes coletados, quase sempre, recebem tratamento de limpeza (retirada das escamas, intestino, brânquias) para o consumo, quase sempre no mesmo local da pescaria, utilizando as águas do rio para este fim. Quando o peixe é consumido próximo ao rio, ele é assado, em fogo improvisado e acompanhado com farinha de mandioca. Em casa, o preparo não se difere muito, embora haja outras maneiras de consumo das

piabas – fritas no óleo ou cozidas com ervas locais.

Destarte, são utilizados mais de um búzio por pescaria. Em uma hora de tempo são coletados, aproximadamente, de cinco (5) a seis (6) peixes por búzio, dependendo do período do ano e da sazonalidade do clima. A rotina da pescaria é constante, entre quatro (4) e cinco (5) dias na semana.

As famílias costumam intensificar a pesca com búzio, principalmente, no período de verão amazônico, ou seja, de julho a dezembro, período de safra de muitas espécies de peixes de água doce na região. Nesse período, o fluxo dos rios está mais baixo, as águas mais claras e com pouca correnteza, o que facilita a fixação do apetrecho de pesca em diferentes locais do rio escolhidos para a pescaria.

Esse quantitativo de peixes coletados nos búzios varia conforme as condições em que são colocados dentro do rio. As famílias utilizam entre dez (10) e doze (12) búzios por pescaria. Há uma alternância familiar na conferência dos apetrechos, ou seja, se os peixes entraram ou não nas armadilhas fixadas na areia do fundo dos rios. A piaba é a espécie de peixe mais capturada no búzio.

Para a pesca com o búzio utiliza-se farinha de mandioca (*Manihot esculenta*) como isca para atrair os peixes, é o que confirma o pescador Raimundo Nonato (2023): “[...] para se pescar com o búzio tem de colocar a farinha de mandioca, em pouca quantidade, dentro do búzio. A farinha é isca pra piaba”. Decerto que, os saberes transmitidos por seus ascendentes e a experiência adquirida são fundamentais para o êxito da pescaria.

Há cuidado técnico e ritual para colocar o búzio dentro da água com a farinha no seu interior. É preciso procurar um local adequado dentro do rio, com pouca correnteza e que suas águas estejam baixas. Encontrado esse lugar, o búzio é enterrado na areia do rio, de modo que a armadilha esteja totalmente submersa e escondida para as piabas.

O búzio é fixado próximo do *habitat* e circulação das piabas. Esses lugares são próximos de troncos de árvores apodrecidos ou de acúmulo de folhas presentes dentro do rio. Os lugares de fixação do búzio, quase sempre, são distantes dos espaços que as famílias utilizam para o banho e atividades domésticas.

A pescadora Maria Gomes (2024), revela que “não se sabe ao certo como perceber se a piaba entrou ou não dentro do búzio. Nós esperamos 5 a 0 minutos para poder ir até o búzio e verificar se tem a piaba presa nele”. O pescador Antônio Gomes (2024) complementa: “para saber se a piaba foi capturada, tem que tirar o búzio da água, colocar contra o sol e ver se ela está lá ou não. Se não tiver, coloca o búzio de volta na água [...]”.



Figura 3 – Piaba capturada no Búzio, após o tempo de espera.
Fonte: acervo pessoal das pesquisadoras.

As piabas capturadas com o búzio vivem em águas doces, possuem uma coloração prata, cauda dourada (amarelada), com uma lista também dourada na lateral (Figura 4); outras, chamadas de “feiticeiras”,³ também tem a cor prateada, porém, a cauda é prateada, com uma mancha preta que circula esta cauda. A piaba feiticeira é representada no imaginário cotidiano local como uma representação da má sorte/azar, pescá-la significa o insucesso na pescaria e o búzio no qual ela foi capturada deve ser retirado da água, porque não atrairá mais peixe e se tornará panema.⁴

Em média, as piabas adultas medem de dez (10) a vinte (20) centímetros de comprimento (Figura 4). As piabas são muito apreciadas pelas famílias de Tracuateua, consumidas preferencialmente assadas, fritas ou muqueadas.⁵ O período de safra das piabas corresponde, localmente, ao período de fartura alimentar.

A pesca efetua-se quando a piaba entra nas profundidades da carapaça, no intuito de comer as iscas, ela se prende no interior e não consegue mais sair. Normalmente, cada búzio pesca uma piaba por vez; se o búzio for um pouco maior, consegue capturar duas ou até três piabas ao mesmo tempo, e quando isso acontece é motivo de comemoração entre os que pescam. Durante a pescaria, a atenção ao apetrecho é constante, porque ocorre, vez ou outra, a perda dos búzios, quase sempre levados pela correnteza do rio.

3 *Moenkhausia sanctaefilomenae* (Tetra Olho-de-Fogo). <https://gruposarlo.com.br/2018/09/05/piaba-ou-lambari/>

4 Termo muito usado na região Amazônica para designar um ser ou objeto sem sorte.

5 Uma técnica de cozimento indígena em que os alimentos são preparados no caldo dos próprios ingredientes.



Figura 4 – Piaba, espécie alvo da pesca com búzio.
Fonte: acervo pessoal das pesquisadoras.

Nesse contexto, a pesca necessita de conhecimentos necessários para sua eficácia. No que diz respeito ao processo inicial de colocar o búzio sob a água, exige que o pescador ou a pescadora se atente para saber se o apetrecho está totalmente apoiado no fundo das águas. Quando há impossibilidade para fixar o búzio no substrato do rio por conta da correnteza, algum tipo de obstáculo para deixá-lo firmado na terra é usado. Esse apoio pode ser um pedaço de tronco de pau, de pedra, ou se escolhe um espaço no rio, cujo solo tenha certa consistência para introduzir o búzio. Toda essa técnica é necessária para que ele não seja levado pelas correntezas.

A pesca com o búzio é um ofício que remete à infância, aos momentos de convivência entre família. Também, é um dos meios de sobrevivência de algumas famílias do município. Enquanto os homens estão exercendo os trabalhos na agricultura, as mulheres, em grande medida, estão nos rios pescando, com seus filhos e filhas. Há uma conciliação de atividades paralelas à realização da pescaria, elas cuidam das crianças, lavam no rio as roupas, louças e outros objetos da família.

Pode-se sentir na fala da Fernanda Aviz, um pouco de saudade dessa infância dentro dos rios perto de sua casa. Ela diz, outrora, passava horas e horas pescando, na maioria dos dias saía para pescar por volta de oito horas da manhã até umas onze horas, depois do almoço voltava para o rio e seguia pescando:

Lembro que tinha uns oito anos quando uma vez eu fui pro Cariambá a pé, a gente ia muito pro Cariambá e encontrava muito búzio, entre a travessia de uma roça e outra. Só que minha primeira pesca não foi com búzio, foi com o uruá, aquele

tipo de caracol que a gente pescava pra se alimentar também, [...] eu achei um e coloquei um pouquinho de farinha e levei pro rio, um rio pequeno que tinha no Cariambá, cheio de piabinhas [...], foi lá que comecei o encantamento pela pesca de búzio. Tudo começou com a pesca com o uruá, eu coloquei o uruá e consegui capturar uma piabinha, eu fiquei muito feliz com essa captura. [...] eu pegava muita piaba no rio do Arame, eu levava muitos búzios e uma porção de farinha [...], em cada um eu conseguia pegar cinco piabinhas. [...] eu criei um cachorro, chamado Fofão, só com piaba. O Fofão era nosso xodó, um cachorro bem peludo [...]. Eu chegava em casa, separava as maiores pra gente assar e comer, as menores eu salgava pra cozinhar, [...] a mamãe cozinhava no caldinho e fazia um pirão de farinha pra dá pro Fofão [...]. (Fernanda Aviz, 2023).

O compartilhamento dos saberes tradicionais, dito, ancestrais, ocorre por intermédio das interações diárias e da observação, sendo realizado, ainda, na forma do aprender fazendo, em um contexto familiar, pois “[...] o parentesco é um princípio organizativo fundamental e elemento central da reprodução [...]” (Vieira; Siqueira; Gomes; Ever, 2015, p. 236). A família, neste contexto, é a base da produção e reprodução socioeconômica e política.

A família mobiliza, pelas práticas, aprendizagens e exercícios que capacitam os familiares e amigos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos do cotidiano; as aprendizagens possibilitam a estas pessoas, reflexões e promoção por uma leitura de mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor (Gohn, 2009).

A educação não formal no aprendizado é essencial para este compartilhar. De acordo com Gohn (2009, p. 31) a “educação não formal é uma área que o senso comum e a mídia usualmente não veem e não tratam como educação porque não são processos escolarizáveis”. Esta educação é uma realidade nas comunidades tradicionais e tem como característica basilar a transmissão cultural dos saberes para a garantia de seu estar no mundo.

Por conseguinte, a ludicidade acompanha esses saberes, explícita em sua dinâmica familiar e coletiva; esta, se arranja nas brincadeiras e corredeiras dentro do rio ao mesmo tempo em que o búzio está fincado para a captura da piaba. Dito isto, a memória afetiva de Dilma Oliveira é acionada e relembra, com detalhes nostálgicos, como foi o dia em que completou seus quinze anos:

[...] Tenho algumas memórias da adolescência e juventude sobre ela. Das vezes que eu pratiquei sempre foi por lazer ou por vontade de comer uma piada [risos]. Eu unia o sabor ao lazer. Minha família não praticava, mas eu aprendi com amigos nas idas aos rios de Tracuateua. Eu lembro que no dia que completei 15 anos, claro que como toda menina eu sonhava com uma linda festa, e na verdade eu tive uma linda pesca. Nesse dia recebi convite de dois amigos para comemorar o aniversário pescando com búzios. O dia foi maravilhoso, recheado de muitas piadas e diversão.

Então, no meu caso a pesca sempre foi praticada pela diversão, apesar de pertencer a família pobre, eu sempre vivenciei essa pesca por lazer. Apesar de que, quando rendia peixes, fazíamos uma bela refeição. Pescar não era difícil, desde que fizéssemos todos os rituais necessários, desde a escolha do rio até o horário mais propício para pescar. (Dilma Oliveira, 2023).

Percebe-se na fala dessa mulher que a pesca do búzio representa ritual, brincadeiras, experiência e ancestralidade. Uma prática de conhecimento que envolve um processo educativo, uma vez que para realizá-la é necessário planejamento e técnicas. Essa preparação requer, como já mencionado, pelo menos alguns conhecimentos fundamentais, a saber:

a) conhecer o período mais propício das piadas – a safra; b) escolher os rios ou partes de rios que não apresentam tantas correntezas; c) definir o tamanho do búzio, adequando para a estrutura da piaba desejada pelo pescador ou pescadora; d) mapear o rio para encontrar espaços das águas propícias e sem barulhos humanos; e) eleger partes dos rios que tenham apoio para o búzio, para que o mesmo não retorne para a superfície; f) observar constantemente se o búzio continua preso embaixo d'água e se ainda existe o alimento dentro para atrair o pescado; g) desenvolver a paciência, pois não existe um tempo único para a captura das piadas nos búzios, em alguns casos, o tempo para a prisão do peixe demora mais do que o esperado.

Esses conhecimentos caracterizam o que defende Brandão (2002) sobre educação, uma vez que a educação, para o autor, representa os modos de vida dos diversos grupos sociais que criam e recriam suas culturas. Sendo assim, a educação também pode ser encontrada nos diversos saberes perpassados por um processo de ensino e aprendizagem, os quais são também encontrados no cotidiano da pesca do búzio, pois “tudo o que se sabe aos poucos se adquire por viver muitas e diferentes situações de troca entre pessoas, com o corpo, com a consciência, com o corpo-e-a-consciência” (Brandão, 2002, p. 9).

De maneira que, para o autor, este saber se desenvolve “pelos atos de quem sabe e faz, para quem não sabe-e-aprende” (Brandão, 2007, p. 18-17). Para cada etapa da pesca artesanal com o búzio, há um conjunto de saberes sobre a natureza e seus funcionamentos que não se aprende na escola, mas na prática, com a vida, convivendo com quem já aprendeu e não se omite em ensinar, porque ensinar é garantir que os grupos sociais das Amazônias, sentido plural, para considerar a diversidade socioambiental, resistam e (re) existam com seus conhecimentos como patrimônio cultural e abraçamento do território da pesca.

A territorialização da pesca do búzio e seus saberes ancestrais como patrimônio cultural

A pesca do búzio se territorializou no município pelo modo de vida das famílias,

de suas práticas socioeconômicas e de subsistência. A busca por alimentos, por trabalhos e por lazer, por intermédio da pesca, tornou essa prática presente em Tracuateua, atravessando o tempo e muitas gerações. Desconhece-se o uso do búzio como apetrecho de pesca em outros municípios circunvizinhos. Daí, compreende-se que ela é inerente ao território tracuateuense, compartilhando conhecimentos, saberes e fazeres que revelam um patrimônio cultural essencial para a manutenção da ancestralidade.

A territorialização, que é um movimento contínuo na pesca do búzio, deve ser realizada pela influência, significativa, da organização e da eficiência das técnicas e utensílios utilizados e das condições naturais necessárias para a pesca, como os rios e suas características que podem ser propícias ou não à pesca. Em outras palavras, a territorialização está associada à história e ao contexto da construção territorial da pesca do búzio, considerando os sujeitos, as ações, os conflitos, os usos e os processos de trabalho, uma vez que o território não é um produto acabado, mas uma construção espacial pelas relações de disputas e de poder. É como um espaço relativo a interesses e significados. Nunca neutro, sem intenções, sem proveito ou sem relevância, tão pouco sem estratégias de usos (Santos, 1999).

A territorialização se define como processo de produção do território, visto que no desenvolvimento territorial é preciso compreender a tríade: território-territorialização-territorialidades. A territorialização representa importante instrumento de organização dos processos de trabalho e das práticas de pesca, posto que as ações desenvolvidas na pesca são realizadas sobre uma base territorial que define e demarca o espaço organizado pela atividade pesqueira. Dado que a territorialização é um processo contínuo na organização de um território que se espacializa pelas territorialidades representadas na mobilização política, socioeconômica, cultural e simbólica, e a conquista e autonomia territorial (Raffestin, 1993).

Com efeito, o território “é o fundamento do trabalho, o lugar da residência e resistências, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida” (Haesbaert, 2007, p. 9). Para esse autor, o território diz respeito tanto ao poder, no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação, de uso destes espaços, pelos grupos e pessoas que atuam sobre ele. Nesse entendimento, a pesca do búzio em Tracuateua representa, historicamente, um espaço de luta e de resistências, que vive a cada estratégia de permanência fixada nas vivências e experiências dos pescadores e das pescadoras.

Nessa pesca, observa-se, a partir das práticas territoriais, uma compreensão da apropriação do espaço constituído pelas forças e relações territoriais, representadas pelas territorialidades expressas nas diferentes formas e estratégias estabelecidas no movimento da pesca, visto que “a territorialidade é elemento de fixação de resistência, apropriação e significado; ao mesmo tempo, é movimento de pensamento e ações de interferências, de poder e de controle sobre um espaço” (Saquet, 2015, p. 113).

O processo de territorialização da pesca do búzio acontece, principalmente,

quando as famílias, as pessoas e os grupos buscam formas, estratégias e significados para suas ações nessa atividade. Para a prática dessa modalidade de pesca, é necessário estratégias de apropriação. Esse processo visibiliza-se no movimento dos pescadores e das pescadoras delimitarem suas áreas de pesca. O exemplo disso: quando um pescador chega primeiro no rio, ele já se organiza para demarcar seu espaço de pesca ao fixar seu instrumento – o búzio, para a prática. Feito isso, o segundo pescador ou os outros que utilizam o mesmo rio percebem a demarcação e estabelecem outras fronteiras para sua pesca.

Outra manifestação desse processo de territorialização se apresenta pelos usos desta atividade pesqueira ou mesmo pelo significado simbólico afetivo que se atribui a ela. O uso acontece pela necessidade de alimentação, pelo lazer, pelo encontro com amigos, dentre outros usos que fazem desse processo um espaço usado e controlado pelas pessoas.

O controle desse território concentra-se mais precisamente nos rios públicos, de uso comum, na qual o/a pescador/a demarca sua apropriação, ou seja, a apropriação de um território temporário. Essa apropriação não diz respeito à proibição de passagem ou de entrada de pessoas nos rios, ou mesmo de usar instrumentos físicos para separar as pescas de cada um. Apropria-se simbolicamente, no modo de definir e articular os espaços para cada pescador ou pescadora no mesmo rio. De certo que eles e elas impõem seus poderes sobre o território escolhido – o rio, através de sua chegada e pela utilização de seus apetrechos de pesca.

Esses processos que definem uma territorialização pela busca de um espaço delimitado são formas de apreender os lugares, destacando suas singularidades, suas estratégias, suas práticas e importância aos seus sujeitos que, de alguma maneira, orientam seus planejamentos e seu controle, pois o “[...] território é compreendido como espaço de mobilização, organização, luta e resistência” (Saquet, 2015, p. 102-103).

Dentro do território que agrega a pesca do búzio, há um conjunto de saberes ecológicos locais associados ao modo como se pesca, esses saberes atravessam gerações de homens e mulheres. Trata-se de conhecimentos ancestrais de povos que vivem nas Amazônia e mantêm suas tradições na sua forma de viver e lidar com o mundo humano e não humano.

A transmissão desses saberes é repassada pelo discurso e pela prática das vivências e dos experimentos. Estes saberes da tradição, Lévi-Strauss (2002) chamou de ciência do concreto, ressaltando que são saberes respaldados pela ancestralidade, por quadros de referência distintos, que estabelecem estratégias distintas de leitura do mundo (Almeida, 2001). É pela oralidade e experimentação que estes saberes são compartilhados.

Nesses múltiplos arranjos dos saberes e das práticas, como patrimônio cultural imaterial e material, estão postas as relações humanas e não humanas, ora em fixidez, ora em transformação. Neste sentido, experienciar estas práticas culturais e saberes

ancestrais em territórios tradicionais, como as comunidades extrativistas do município de Tracuateua, fortalece o patrimônio coletivo, é o que expõe Davallon (2015), que se apoia na memória individual dos sujeitos, mas não abandona as práticas e saberes coletivos.

Destarte, os saberes da tradição da pesca com o búzio são compartilhados de maneira presencial, lúdica, física, concreta e não formal, utilizando a observação e a oralidade como instrumentos de aprendizado. Na pesca com búzio, os mais jovens, como as crianças e adolescentes, estão sempre por perto, aprendendo com o saber-fazer dos mais velhos. Diegues (2004, p. 31) afirma que “o conhecimento tradicional também fornece uma base de informação crucial para o manejo dos recursos naturais locais, em particular nos países tropicais, onde os dados biológicos raramente estão disponíveis”.

Acerca do patrimônio, seja material, imaterial, cultural ou econômico, costuma apresentar-se cotidianamente tão despercebido que mal observamos dentro dos sistemas ditos modernos ou tradicionais. No entanto, para Gonçalves (2007), a nossa tarefa é a valorização nos seus contextos históricos e culturais específicos de cada grupo social. Seja também como patrimônios arquitetônicos, antropológicos, históricos, artísticos, etnográficos, ecológicos, genéticos, entre outros que estão inseridos na sociedade contemporânea.

Engajada no fortalecimento da proteção e valorização desta patrimonialização, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) reunida em Paris de 17 de Outubro a 21 de Novembro de 1972, na sua décima sétima sessão, recomenda que as convenções e as resoluções internacionais existentes e comprometidas no interesse dos bens culturais e naturais se constituam importantes para todos os povos, e “[...] a salvaguarda de tais bens, únicos e insubstituíveis, qualquer que seja o povo a que pertençam” (Unesco, 1972). Ou seja, o patrimônio cultural material e imaterial é salvaguarda dos saberes, fazeres e tradições de povos originários e tradicionais, como, por exemplo, a pesca artesanal com o búzio nos rios de Tracuateua.

À vista disso, visibilizar a prática de pesca com o búzio na cidade de Tracuateua, como território pesqueiro, é ampliar a discussão sobre patrimônio cultural na valorização do fazer e do saber-fazer inseridos no cotidiano das comunidades tradicionais. Torna-se um diálogo essencial na agenda sobre patrimônio cultural que se remodela neste século XXI, fomentando inúmeras discussões, sejam socioculturais, políticas ou socioeconômicas.

Com efeito, é justificada a noção de patrimônio cultural para incluir os testemunhos e as histórias dos valores humanos, com a responsabilidade permanente de garantir o alcance desses às gerações futuras, ao que se pode definir como história-memória coletiva e individual, e, ainda, “[...] a necessidade de reabilitar os centros históricos, na atualidade, constituem premissas básicas dos debates sobre o desenvolvimento sustentável, [...] representam a síntese da diversidade que caracteriza a própria cidade” (Funari; Pelegrini, 2006, p. 29), é o movimento do patrimônio cultural que caracteriza

comunidades urbanas e rurais. Dito por Caiado (2001, p. 59) como fundamental, para que

[...] haja reconhecimento da diversidade cultural, a partir das peculiaridades de cada local, pois assim será fortalecida a identidade entre o indivíduo e seu grupo e entre este, o meio ambiente e a sociedade. Só através do fortalecimento desses vínculos serão mantidas as verdadeiras raízes culturais e reduzida a pressão da ‘cultura *mundializada*’.

Neste alinhamento, para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, desde 2003, a Unesco promove a proteção de saberes, tradições e manifestações culturais que representam a ancestralidade e o legado dos povos para as gerações presentes e futuras. À vista disso, o legado das pescadoras e dos pescadores da pesca artesanal com o búzio em Tracuateua não se encerra com as transformações tecnológicas e sociais, ao contrário, se fortalece nos múltiplos arranjos da natureza e da cultura.

Considerações finais

A pesca do búzio é caracterizada, principalmente, pelo uso da carapaça do caracol. A pesca é uma prática de vida das famílias de Tracuateua e está relacionada ao autoconsumo e aos saberes ancestrais repassados oralmente de geração a geração.

A pesca com o búzio é um ofício que inicia na infância, com aprendizados compartilhados nos momentos de convivência com a família, seja qual forem as etapas da pescaria – pré, captura e pós. Também é um dos meios de sobrevivência, existência e (re) existência de algumas famílias do município. Importante destacar que há uma conciliação de pluriatividades com a pescaria, sobretudo para as mulheres, enquanto aguardam a efetivação da captura, cuidam das crianças, lavam no rio as roupas, louças e outros objetos da família.

A territorialização da pesca do búzio é constituída pelas formas, estratégias e significados para suas ações nessa atividade, desde a coleta do animal no ambiente, sua limpeza e transformação em apetrecho de pesca, além da concretude da captura do peixe. Para a prática dessa modalidade de pesca são necessárias estratégias de apropriação. Com isto, o processo acontece quando os pescadores e as pescadoras delimitam suas áreas de pesca.

A pesca com uso do búzio potencializa a discussão sobre o patrimônio cultural e endossa as práticas dos saberes ancestrais, das identidades coletivas dos povos, além de fortalecer a preservação e conservação dos territórios e das territorialidades de bens culturais, materiais e imateriais, pois a comunidade, a identidade, o indivíduo, as rupturas e permanências, são peças centrais e essenciais quando a discussão envolve patrimônio (Funari; Pelegrini, 2006). Tal que, na identidade das comunidades,

originárias e tradicionais, há a necessidade crescente de pertencimento.

O pertencimento, as identidades e as vivências nessas territorialidades potencialmente estão ameaçados pelo trânsito do capitalismo, pelo crescimento das cidades em direção ao campo, pelas privatizações de espaços de usos comuns, como os rios, entre outros fatores, o que pode provocar o desaparecimento dos saberes e fazeres constituintes da ancestralidade e da vida dos grupos sociais das Amazôniaas.

De tal importância que, atualmente, há um reconhecimento coletivo da diminuição da quantidade de piabas nos rios de Tracuateua. São muitos os fatores que justificam a diminuição delas, o maior é a ação humana irresponsável sobre a terra e sobre as águas. Hoje, a prática da pesca artesanal com o búzio não é tão exercida como no passado.

Referências

ALMEIDA, Maria da Conceição de. *Complexidade e cosmologias da tradição*. Belém: Eduepa, 2001.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Diáspora: viver entre territórios. e entre culturas? *In*: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (Org.). *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008. p. 175-195.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 4. ed. São Paulo: Hucitec / Brasília: INL, 1982.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Educação como cultura*. São Paulo: Cortez, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação?* São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos, 20).

BRASIL. Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009. Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca regula as atividades pesqueiras, revoga a Lei nº 7.679, de 23 de novembro de 1988, e dispositivos do Decreto-Lei nº 221, de 28 de fevereiro de 1967, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: Seção 1, Brasília, DF, p. 1, 30 jun. 2009.

CAIADO, Aurílio Sérgio Costa. O espaço da cultura: guia cultural do Estado de São Paulo. *São Paulo Perspectiva*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 55-65, 2001.

CARDOSO, Eduardo Schiavone. *Pescadores artesanais: natureza, território, movimento social*. Tese (Doutorado em Geografia) – USP, São Paulo, SP, 2001.

COSTA, Nivia Maria Vieira Costa; MELO, Lana Gabriela Guimarães; VIEIRA, Norma Cristina A Etnofísica da carpintaria naval em Bragança - Pará - Brasil. *Amazônica*, Belém, v. 9, n. 1, p. 414-436, 2017.

CUNHA, Lúcia Helena de Oliveira. Saberes patrimoniais pesqueiros: desenvolvimento e meio ambiente. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, Curitiba, n. 7, p. 69-76, jan./jun. 2003.

- CUNHA, Manuela Carneiro da. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- DAVALLON, Jean. Memória e patrimônio: por uma abordagem dos regimes de patrimonialização. In: TARDY, Cécile; DODEBEI, Vera (Ed.). *Memória e novos patrimônios*. Marseille: Open Edition Press, 2015. Disponível em: <https://books.openedition.org/oep/417>. Acesso em: 18 mar. 2025.
- DIEGUES, Antônio Carlos. *A pesca construindo sociedades: leituras em antropologia marítima e pesqueira*. São Paulo: NUPAUB-USP, 2004.
- DIEGUES, Antonio Carlos. *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. *Patrimônio histórico e cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- FURTADO, Lourdes Gonçalves. Características gerais e problemas da pesca amazônica no Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Série Antropologia*, v. 6, n. 1, p. 41-93, 1990.
- GOHN, Maria da Glória. Educação não formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social. *Meta: Avaliação*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, 2009.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, Iphan, Demu, Garamond, 2007. (Museu, Memória e Cidadania).
- HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, Milton, BECKER, Bertha, K. (Org.). *Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 49-70.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Tradução Tânia Pellegrini. 3. ed. Campinas: Papirus, 2002.
- MALDONADO, Simone Carneiro. *Mestres & mares: espaço e divisão na pesca marítima*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 1993.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- RAFFESTIN, Claude [1980]. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.
- SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. *GEOgraphia*, Niterói, v. 1, n.1, p. 7-13, 1999.
- SAQUET, Marcos Aurélio. *Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial*. 2. ed. Rio de Janeiro: Consequências, 2015.
- UNESCO – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA. *Convenção sobre a proteção do Patrimônio mundial Cultural e Natural*. Paris, 16 nov. 1972. Disponível em: <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2025.
- VIEIRA, Norma Cristina; SIQUEIRA, Deis; GOMES, Maria; EVER, Marcella. Trabalho e gênero em comunidades extrativistas da costa paraense. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, v. 28, n. 1, p. 233-252, 2015.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

Fontes orais

AVIZ, Fernanda [41 anos]. [nov. 2023]. Entrevistadora: Helena de Aviz. Tracuateua, PA, 7 nov. 2023.

GOMES, Antônio [67 anos]. [fev. 2024]. Entrevistadora: Norma Vieira. Tracuateua, PA, 16 fev. 2024.

GOMES, Maria [64 anos]. [fev. 2024]. Entrevistadora: Norma Vieira. Tracuateua, PA, 16 fev. 2024.

NONATO, Raimundo [53 anos]. [dez. 2023]. Entrevistadora: Norma Vieira. Tracuateua, PA, 12 dez. 2023.

OLIVEIRA, Dilma [45 anos]. [nov. 2023]. Entrevistadora: Helena de Aviz. Tracuateua, PA, 29 nov. 2023.

Recebido em 20/06/2024

Versão final reapresentada em 17/02/2025

Aprovado em 06/03/2025

Contribuições das autoras: Vieira: pesquisa de campo, entrevistas com o/as participantes da pesquisa, análise dos dados coletados da pesquisa de campo e da metodologia, captura de imagens no campo da pesquisa, gravação de narrativas em campo; Oliveira: discussão sobre território e territorialização da pesca de búzio, saberes ancestrais, pesquisa bibliográfica e documental, narrativas orais sobre o tema; Aviz: discussão acerca de patrimônio cultural, saberes ancestrais, pesca de búzio, pesquisa bibliográfica, correção e formatação, gravação de narrativas em campo.

Fonte de financiamento: nada a declarar.

Conflito de interesses: nada a declarar.